



PRÁTICAS EDUCATIVAS DAS JUVENTUDES E A (RE)CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO SOCIAL

Jamille Santos de Araújo¹
Miliane de Lemos Vieira²
Tassio Simões Cardoso³

Eixo – Representações Sociais, ensino e aprendizagens significativas
Agência Financiadora: não contou com financiamento

Resumo

Este trabalho busca discutir a (re)construção do espaço social através das práticas educativas das juventudes em Cajazeiras, Salvador/BA. O objetivo principal é identificar como desenvolvem-se aprendizagens significativas no território de Cajazeiras e como elas impactam na construção e/ou reconstrução do espaço social. Para isso, compreende-se espaço social a partir da concepção de Lefebvre (2006), sendo ele produto da sociedade e ao mesmo tempo produtor dela. Justifica-se de extrema importância esse trabalho pela necessidade social de apresentar propostas pedagógicas promotoras de mudanças sociais, muitas delas oriundas das classes invisibilizadas. A pesquisa foi qualitativa, com uma abordagem participante, fundamentada em Brandão (1987), e teve como instrumentos de coleta a entrevista semi-estruturada e o Mapa Situacional, esse último oriundo da cartografia afetiva. Percebeu-se com essa pesquisa, que as práticas sociais das juventudes de Cajazeiras, carregadas de um caráter pedagógico, constituem-se em motores para (re)construção do espaço social. Para ajudar no debate sobre espaço social o texto articula também uma nova roupagem sobre territorialidade, Bomfim (2009) e propõe que esse movimento que tem acontecido em Cajazeiras promove uma outra perspectiva de desenvolvimento fortalecendo a dimensão local.

Palavras-chave: Espaço Social, prática pedagógica e territorialidade

Introdução

Esse trabalho aponta os resultados parciais de uma pesquisa de mestrado realizada em Cajazeiras, Salvador-BA. A contemporaneidade está marcada por várias contradições, a medida que a educação vem se forjando nos espaços formais de ensino como mais um meio de manutenção da sociedade vigente, ela também tem emergido fora dos muros das escolas, pautada em princípios sintonizados com a luta por direitos sociais e a transformação social consolidando assim aprendizagens significativas. Esse advento tem sido promovido por

¹UNEB; Faculdade São Salvador; Mestre em Educação e Contemporaneidade; Email: jamilleasbs@gmail.com

²UFBA; Mestre em Educação; Email:

³UNEB; Doutorado do PPGEDU; EMail: tassioeducacao@gmail.com

inúmeros grupos sociais, dentre eles a juventude, ela tem sido propulsora da construção de espaços de diálogos e conseqüentemente tem (re)produzido o espaço social ao redor, muito perceptível isso em Cajazeiras, conforme nos apresenta os resultados da pesquisa.

Metodologia

E função do caráter político a que se destinou a pesquisa, a abordagem foi participante, pois é o tipo de pesquisa que rompe a neutralidade, que tradicionalmente o método positivista proliferava. Tem a ver com as relações humanas estabelecidas no ato de pesquisar que levam em conta a própria subjetividade do sujeito. O que a difere de outros métodos tradicionais é o lugar que o sujeito ocupa na pesquisa, ele deixa de ser entendido como o “objeto” da pesquisa e assume o lugar de protagonista. (BRANDÃO. p. 224; 1987)

Essa pesquisa foi qualitativa, teve como Locús a comunidade de Cajazeiras, e tiveram como sujeitos da pesquisa jovens, militantes, com idade entre 15 e 29 anos, em conformidade com o Estatuto da Juventude e moradores de Cajazeiras, que foram selecionados através da Técnica de amostragem, conhecida aqui no Brasil como “Bola de neve”, e internacionalmente como *snowball*. Consiste numa técnica metodológica não probabilística, que faz uso de cadeias de referências. Tem sido muito utilizada para pesquisas onde não há precisão sobre a quantidades de sujeitos ou grupos partícipes (VINUTO; 2014)

Os métodos de colheita de informações foram a entrevista Semiestruturada e o Mapa Situacional, oriundo da Cartografia afetiva. A partir daí fez-se uso da análise de conteúdo de Bardim (2016).

Resultados e Discussão

A concepção de espaço social tem sido utilizada de inúmeras formas pelas diversas áreas do conhecimento, causando uma confusão quanto a sua especificação. Depois de um número significativo de formas diferentes de analisar e explicar o espaço, Lefebvre (2006) propõe pensa-lo como produto e não como fato da natureza. Busca fazer isso através de uma análise aprofundada das questões urbanas e dos efeitos desastrosos da modernidade, que modificaram a relação cidade-campo a nível mundial, determinando ao primeiro o espaço do progresso, da invenção, por isso o centro de tudo. Para Lefebvre (2006) *o espaço é produto e produtor*, por tanto suporte de relações econômicas e sociais, ou seja, o espaço é resultante do modo de produção e reprodução social. Ele reúne o mental, o cultural, o social e o histórico. Pode ser o lugar da descoberta, da produção e da criação, ou pode ser marcado pela reprodução das

dimensões da modernidade: homogeneidade-fragmentação-hierarquização, ocultando assim as relações “reais” e os conflitos. À escala mundial, contudo, um novo espaço *tende* a se formar, integrando e desintegrando o nacional, **o local**. Processo cheio de contradições, ligado ao conflito entre uma divisão do trabalho à escala planetária, no modo de produção capitalista, e o esforço em direção a uma outra ordem mundial mais racional. (LEFEBVRE. p.09. 2006)

Sobre esse poder local, Dowbor (2007) afirma que quanto mais se desenvolve o processo de globalização mais tem surgido experiências de desenvolvimento local, constituindo cidadãos ativos no processo de transformação social, econômica e política. Isso se gestiona também num novo modelo de educação que favorece as novas gerações a se apropriarem do espaço onde vivem, como uma forma de se detectarem os conteúdos curriculares de forma mais qualitativa e não por obrigação. Por isso ele afirma que “a educação não deve servir apenas como trampolim para uma pessoa escapar da sua região: deve dar-lhe os conhecimentos necessários para ajudar a transformá-la” (DOWBOR. P.16. 2007)

Promover o desenvolvimento local não significa voltar as costas para os processos mais amplos, inclusive planetários: significa utilizar as diversas dimensões territoriais segundo os interesses da comunidade. Dowbor (2007), assim como Bomfim (2007) propõe uma concepção de relação com o território diferenciada, onde os sujeitos o conhecem, o constroem, e o definem, resistindo as formas de vida pasteurizadas que lhes tem sido imposta.

Diante das mudanças abruptas e rápidas do mundo moderno, a noção de território vem sendo ressignificada, onde, segundo Bomfim (p.17. 2009) emergem “novas territorialidades” ou “novas solidariedades”. Essa emergência implica numa forma diferente e inédita de conceber os espaços sociais e daí, afirma que “dessas emergências (às vezes bem sucedidas), nascem o desejo de uma sociedade singular para valorizar sua identidade e controlar seu próprio desenvolvimento”. Bomfim (2009) faz uma análise crítica sobre o uso do termo território, e da forma como ele tem sido discutido, com pouca significação ou como sinônimo de espaço e lugar. Segundo ele, (p.17. 2009), se o território é uma produção social, podemos então pensar que a reconstrução desses espaços tem, em sua origem, o sentido que os sujeitos dão ao território em questão. O território é a manifestação objetiva das subjetividades que no tempo e no espaço passam a constituir simbolicamente uma identidade, por tanto existe uma dimensão Psicossocial do território que tem sido historicamente desconsiderada na Geografia. Existe um jogo dinâmico que é constituído a partir das complexas relações que são estabelecidas, isso constitui o território. Por isso quanto mais o sujeito constrói sua identidade territorial, mas ele é capaz de defende-lo. A relação entre educação e produção do espaço social é bem clara, na

teoria de Lefebvre (2006), e reafirma-se na fala de Freire (1979) quando diz que a partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor. Vai *temporalizando os espaços geográficos*. Faz cultura. Para o autor, a dinâmica das relações sociais, num movimento constante de criação e recriação, dinamiza a produção geográfica, ou seja, as práticas sociais cotidianas são produtoras de uma nova forma de relacionar-se em sociedade.

Kwane Nkrumah percebe o JACA como um espaço educativo de formação por que “*o JACA tenta construir ações que não sejam autoritárias, ou que tenham algum grau de espontaneidade, ou mediação da autonomia*”, ou seja, o coletivo constrói atividades que não exigem muito das pessoas, não impõem nenhum papel, não são constrangidas a nenhuma ação, fazem aquilo que se sentem livres e motivados a fazerem. Freire (1979) confirma não só o caráter cultural e político da educação, e propõe uma pedagogia que junto com os sujeitos seja possível pensar as amarras que os oprimem nessa sociedade capitalista. Para ele, a educação é uma prática libertária e se dá em todos os espaços pelo povo e com o povo, não para o povo. É uma libertação das potencialidades de cada ser humano, é uma libertação de toda a capacidade humana de criar, de, como ele chama, “**SER MAIS**”.

As atividades do JACA são libertárias, apesar de ser um termo mais vinculado a teorias europeias anarquistas, do que as propostas pedagógicas freirianas, encontram-se em sintonia por desvendarem a realidade cruel e fria a qual a juventude se insere na modernidade. Eles fomentam a produção de sujeitos protagonistas, e não telespectadores, propõem sujeitos autônomos, não apáticos, sujeitos políticos, não inconscientes. Sujeitos transgressores, não acomodados. Isso gera um impacto na forma como sua territorialidade vai sendo construída, não só pelas forças externas, mas pelo despertar de forças internas que se coagulam e se reinventam cotidianamente. Impactos que localmente, interferem não só na realidade de Cajazeiras, mas na sociedade como um todo, pelo tramitar de uma ingenuidade para uma criticidade.

Para Senghor o Sarau da Bica é um espaço educativo de formação por que trabalha dentro da base, atua para que a poesia e as demais artes passem a fazer parte do cotidiano de vida da comunidade. O Sarau torna-se um espaço educativo de formação por que ao resgatar e

aglomerar artistas da comunidade, desperta nos demais o interesse por produzir arte, que consequentemente os levam para outro patamar de consciência.

Para Aimé Cesaire, o Cursinho Pré Vestibular Quilombo do Orubu constitui-se num espaço educativo de formação, pela *horizontalidade* que se desenvolve a gestão e o ensino no grupo. “O espaço do quilombo do Orubu também, não só construiu pessoas para pensar assim, ele pega a pessoa que pensa assim e abre as portas e diz assim – pois é eu vou construir esses pensamentos e tô aqui pra a gente **dialogar**”. Mas uma vez e emerge na colheita de informações, o dialogar, como uma metodologia presente na cotidianidade das práticas sociais da juventude de Cajazeiras.

Conclusões

Concluimos que as juventudes de Cajazeiras, Salvador-BA promovem espaços educativos de formação através de suas práticas sociais e essas consolidam o espaço social e a territorialidade local. Dentre os resultados emergidos na pesquisa destaca-se que esses espaços educativos de formação são marcados por uma dialogicidade e além de desvendarem a realidade social opressora do mundo capitalista, também são carregados de uma capacidade de identificação, pertencimento e politização da vida cotidiana. Assim, conclui-se que o espaço social de Cajazeiras tem sido resignificado por essas juventudes, que diferente do que vem sendo imposto pela globalização mundial, propõem pensar uma nova perspectiva de desenvolvimento local através das aprendizagens significativas são protagonistas.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 14724**: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2011.

BOMFIM. Natanael Reis. **Noção social do território: em busca de um conceito didático em geografia a territorialidade**. Editus editora da UEFS. Ilhéus-Bahia. 2009.

BRANDÃO. Carlos Rodrigues (ORG). **Repensando a Pesquisa Participante**. 3ª Edição. Editora brasiliense. São Paulo-SP. 1987.

DOWBOR, Ladislau. **Educação e Desenvolvimento local**. Revista de Administração Municipal- Municípios – IBAM. Ano 52. Nº 261. 2007.

FREIRE, Paulo, **Pedagogia da Autonomia**, Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 2013.

LEFEBVRE. Henri. **A produção social do espaço**. Tradução Doralice Barros Pereira e Serguo Martins. (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início - fev.2006